

## SEPULTAMENTO: ATORES E CENA FINAL

Terminado o velório, o esquife com o corpo do falecido foi transportado até a sepultura. Os parentes, formando o séquito, cumpriam obsequioso silêncio. Chegando ao sepulcro, os mais próximos carregaram o caixão funerário até a beira do túmulo. Encerrou-se assim o primeiro ato de respeitoso ritual. Para o segundo, os operários encarregados atam as fitas de suporte para correrem entre as alças e acomodam o caixão na superfície inferior da tumba e cuidam das providências para o seu fechamento. Os circundantes transmudam-se em espectadores e aqueles se comportam como atores. Não conversam. Somente os seus gestos na movimentação das placas de concreto pré-moldado são atentamente contemplados. Mãos fortes e calejadas, vão colocando-as uma ao lado da outra. Cada um, conscientemente participando da sua tarefa, atores na interpretação do seu papel na engenhosa armação das placas. Os olhares e atenção dos presentes parecem estímulo à caprichada lida. Na seqüência lógica da cena, destacando-se entre os outros, um dos operários empolga a pá e arrasta para perto a caixa com a massa (areia, cal, cimento e água), colhendo seguidas quantias e esparramando-a sobre as placas, fechando os vãos e aplainando os desníveis. A pá desliza suave e vagorosamente. De soslaio, divisando a platéia atenciosa, aprimora o trabalho artesanal, homenageando o morto e os presentes.

A cena parece não ter fim. Em cena igual, no enterro do Presidente Tancredo Neves, os operários, como atores, pareciam movimentar-se para milhões de telespectadores durante o solene funeral. O acabamento foi tão demorado, que mereceu a observação: “A República parou” até a última pá da massa sobre a tumba sepulcral. Verdadeiramente, à ocasião, o povo ficou imobilizado diante dos televisores, aprisionando a atenção apenas à movimentação das mãos que juntavam as placas de cobertura e manejavam a pá na tarefa de revesti-las com a argamassa. Transmissão a cores e ao vivo.

Nessas ocasiões somente são ouvidos os soluços piedosos dos parentes e os sussurros dos amigos. Tudo o mais é silêncio. Por isso, é marcante a participação daqueles que fazem os últimos arranjos. São atores solitários de pungente cena e o seu trabalho soa como última homenagem. O corpo do morto voltará a ser pó. A imaginada platéia, após a última pá de massa será desfeita. Assim acontece em todos os sepultamentos em tumbas ou na terra nua. O último ato é dos coveiros que, sem se curvarem agradecidos diante de assistência cativa e sem palmas, são os atores da última cena em que o corpo inerte motivou-lhes a interpretação para os vivos presentes. Então, fecham-se as cortinas até a exibição marcada para o próximo sepultamento.

Milton Luiz Pereira